

Uma reunião para salvar a Europa

Real Junior, nosso correspondente em Paris.

"A Europa à beira do abismo ou às portas da ruptura". "Dois dias para salvar a Europa." "Uma reunião europeia explosiva". "O encontro de cúpula da última chance". Esses são alguns dos dramáticos títulos da imprensa europeia, anunciando o início, ontem, em Bruxelas, da reunião dos governantes europeus, representando os dez países com assento no conselho da Europa. Não há dúvida que os problemas da comunidade europeia têm-se agravado seriamente nos últimos tempos, mas tal formulação chega a ser exagerada. Mesmo reconhecendo os enormes obstáculos, tanto na área agrícola como de seu próprio financiamento, nenhum de seus atuais membros tem manifestado intenção de abandoná-la, pelo contrário, todos reafirmam sua vontade política de vencer as dificuldades que se acumulam. Esse desejo pode ser sentido pelo presidente François Mitterrand que, consciente da gravidade do momento atual, não teve dúvidas em, no exercício da presidência por seis meses, correr os nove outros países, buscando uma solução de compromisso para os problemas que poderão comprometer o futuro da comunidade.

Novamente a chave do malogro ou do êxito encontra-se nas mãos da intransigente Margaret Thatcher, que tem condições de bloquear, mais uma vez, todo o sistema, caso suas reivindicações não sejam levadas em conta. Ontem, em Bruxelas, o tom de conciliação parecia predominar, segundo afirmavam delegados londrinos. Mas, se um acordo total não for possível, a Europa comunitária não vai sofrer, mesmo recebendo um rude golpe. A presidência francesa terá então apenas duas alternativas. Uma das opções é o que chamamos, no Brasil de "empurrar com a barriga" até o Conselho da Europa de junho, quando passará o bastão para outro país. A segunda é constatar o novo malogro de Bruxelas, abrindo uma crise e procurando administrar a Comunidade com no-

ve dos dez membros, isolando a Grã-Bretanha. Algumas áreas imaginam a possibilidade de se estudar um estatuto particular para a Grã-Bretanha, cuja participação seria congelada por uns tempos, enquanto o problema de sua contribuição não fosse totalmente solucionado.

A Grã-Bretanha considera que sua contribuição líquida ao orçamento comunitário não pode superar os 500 milhões de UMCEs (Unidade Monetária da Comunidade Europeia), que correspondem a 3,4 bilhões de francos. Em 1982, a contribuição britânica atingiu 2 bilhões de UMCEs, ou 13,6 bilhões de francos, razão pela qual exige uma restituição de 1,5 bilhões de UMCEs. O ponto de equilíbrio para um acordo entre a Grã-Bretanha e seus parceiros encontra-se na casa de 1 bilhão de UMCEs, o que corresponde à metade da contribuição britânica em 1982. Margaret Thatcher já declarou que, se até o próximo dia 31 de março esse reembolso não se tornar efetivo, vai determinar o congelamento dos pagamentos britânicos ao orçamento comunitário. O próprio ministro das Relações Exteriores, ao chegar a Bruxelas, reafirmou que a exigência francesa, relacionando o reembolso a uma negociação global, não contribuiu para criar um clima de compreensão.

Sem tostão

Na verdade, a comunidade europeia está praticamente sem um tostão em caixa. As despesas orçamentárias para este ano superam em quase dois milhões de UMCEs os créditos previstos para seu funcionamento. Esse buraco será da mesma ordem em 1985, daí a necessidade de inúmeras fórmulas técnicas, cuja aplicação depende da aprovação de todos, o que não tem sido o caso até agora, provocando um bloqueio generalizado.

A demonstração de que a Europa vai acabar encontrando soluções para seus problemas mais urgentes, mesmo que a reunião de Bruxelas não apresente resultados

totalmente satisfatórios, é o recente e difícil acordo sobre a Europa agrícola na semana passada, quando se encontrou uma fórmula para o problema de excedente da produção de leite. Pela primeira vez, os preços garantidos aos produtores vão sofrer uma queda em vários Estados membros, exigindo um esforço suplementar dos agricultores que manifestam seu descontentamento com essa queda de preço e de produção. Ontem, em Le Mans, na França, 18 mil agricultores se questraram um caminhão de carne britânico, enquanto que barreiras foram erguidas também na região de Beziers.

Política agrícola

Um segundo passo será o problema do orçamento comunitário, pois a ausência de solução poderá paralisar o próprio funcionamento da política agrícola comum, como salientou o ministro da Agricultura da França, Michel Rocard. É preciso lembrar que, se a Europa agrícola se afastar do mercado mundial, esse enorme poder estratégico vai concentrar-se ainda mais nas mãos dos Estados Unidos, que vão exercer uma dominação total sobre o chamado poder verde. Para alguns especialistas, é a política agrícola comum o sustentáculo que tem mantido a Europa dos dez. No momento em que ela deixar de existir, dificilmente a comunidade poderá resistir. No início, a Europa era praticamente deficitária em tudo e, hoje, ocorre o contrário, sendo praticamente superavitária em tudo. Isso nos conduz a acreditar que saídas sempre existirão, mesmo se os resultados de Bruxelas não forem amplamente satisfatórios. A dramatização da imprensa é um fator positivo, na medida em que contribui para alertar a opinião pública para os complexos problemas do sistema europeu; mas nenhum dos dez países parece querer abrir mão de sua participação, razão pela qual estão condenados a um entendimento, por maior que sejam as intransigências e as ameaças de alguns.